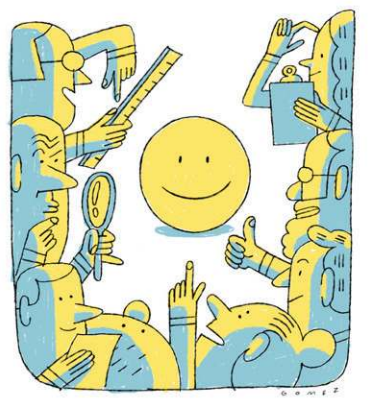
Eixo Capital

ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

As referências do marketing político no Congresso



O Instituto Informa divulgou os resultados de uma pesquisa realizada com deputados federais e senadores sobre o uso de profissionais de marketing na comunicação política. A pesquisa apontou que a maioria dos entrevistados utiliza profissionais na comunicação do mandato e evidenciou os nomes dos marqueteiros mais influentes para políticos do Congresso Nacional. Entre os mais citados de forma espontânea, estão Duda Mendonça (39%), João Santana (16%), Sidônio Palmeira (9%) e Marcelo Vitorino (9%).

Ícones

A pesquisa realizada pelo Instituo Informa ouviu 222 parlamentares, no período de 28 de novembro a 20 de dezembro de 2023. Duda Mendonça, que morreu em 2021, ainda é um ícone do marketing e atuou em diversas campanhas, inclusive nas de Lula. João Santana substituiu Mendonça nas campanhas do PT e atuou como marqueteiro da última disputa presidencial ao lado de Ciro Gomes. Sidônio Palmeira atuou em 2022 na vitória de Lula, e Marcelo Vitorino ficou conhecido por campanhas como as de Marcelo Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro, Marcos Rocha para o governo de Rondônia e Arthur Henrique para prefeitura de Boa Vista.

Deputada propõe semana para saúde mental de policiais do DF

A deputada distrital Doutora Jane (MDB) protocolou projeto de lei que institui a "Semana em Prol da Saúde Mental Policial". Entre os objetivos do projeto, estão a conscientização, incentivo a campanhas sobre o tema, a promoção de treinamentos regulares em técnicas de gestão de estresse, resiliência emocional e prevenção do esgotamento profissional e realização de programas de suporte psicológico preventivo para auxiliar os policiais a lidarem com situações de alto risco e traumáticas.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Instagram

Vida ganha

O secretário executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Cappelli, não parece muito preocupado com o futuro profissional. Pelas fotos que posta nas redes sociais, parece de bem com a vida.

Falta grave

O Iges-DF tem um dado incrível: 38% das pacientes que marcavam mamografias na rede pública não apareciam para fazer o exame. Um desperdício de oportunidade. O instituto está melhorando a comunicação com as pacientes para entender o absenteísmo e incentivar a presença.

À QUEIMA-ROUPA

PACO BRITTO,
secretário de Relações Internacionais do DF

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

"Os eventos do dia 8 de janeiro são vistos como um capítulo lamentável, mas que, de forma alguma, representam Brasília, o Governo do DF e as pessoas que querem o bem desta cidade, da mesma forma que os eventos do dia 6 de janeiro não representam a cidade de Washington D.C."

Acha possível ampliar os destinos com voos diretos saindo de Brasília? O senhor tem se engajado nessa questão?

Temos nos empenhando muito para isso e acredito, sim, que seja possível. Brasília é a capital do país, tem um excelente aeroporto internacional e os negócios estão em expansão na cidade. Já conseguimos trazer de volta o voo para Lima, no Peru; aumentar a quantidade de voos para Lisboa, em Portugal; Buenos Aires, na Argentina; e Miami e Orlando, nos Estados Unidos; além do uma nova rota para Santiago, no Chile. Na semana passada, estive em São Paulo, mostrando o potencial de Brasília para quatro companhias africanas: Ethiopian Airlines, Egypt Air, TAAG Angola Airlines e South African Airways. E o resultado dessas visitas foi muito positivo, de acordo com a sinalização que recebi dessas empresas. Além disso, outras rotas estão com negociações avançadas e terei o prazer de anunciar, assim que possível. Enfim, essa é uma pauta na qual estou muito engajado.

Como a Secretaria de Relações Internacionais atua em conjunto com a de Turismo?

A Serinter tem, também, ações que visam fomentar o turismo na capital e nisso trabalha junto com a Setur. Por exemplo, a questão de novos voos internacionais. Tenho certeza de que, em breve, aumentaremos a quantidade de turistas no DF. Das 133 embaixadas existentes em Brasília, já visitei, pessoalmente, 126. Em todos os encontros, faço questão de frisar com os chefes de missões diplomáticas o quanto o intercâmbio de turismo e de cultura são importantes, tanto para a cidade, quanto para o país que ele representa. Movimentamos a capital sempre oferecendo eventos como exposições, mostras e eventos gastronômicos que engajam as embaixadas com a população do DF. Isso, além de movimentar os espaços culturais da cidade, que estão ocupados e com programação internacional, também movimenta o turismo, pois mostra Brasília, nosso povo, nossos monumentos, nosso dia a dia, para o mundo.

Nesta semana, o senhor assinou, ao lado da governadora em exercício Celina Leão um acordo para concessão de bolsas para cursos de idiomas para servidores. Como vai funcionar?

A Serinter estava pronta para assinar um acordo de cooperação com a escola Wizard para oferecer o curso de português para estrangeiros, que era uma demanda dos próprios embaixadores. Mas, conscientes da importância de qualificar e valorizar as pessoas que se dedicam tanto ao serviço público no DF, trabalhamos para garantir bolsas de 40% de desconto para os servidores do GDF e seus familiares. Isso é muito importante porque, além de trazer benefícios para a população em geral, com servidores mais qualificados, também possibilita um ganho pessoal, quando se descobre uma nova cultura em seu idioma original. Pensando nisso, garantimos, com a assinatura do documento, que todos os concursados, comissionados, terceirizados, e seus familiares possam se tornar bilíngues, trilíngues, ou mais, aprendendo inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, japonês ou chinês.

Como Brasília tem sido vista pela comunidade internacional depois do 8 de janeiro?

A comunidade diplomática entende a importância de Brasília para o Brasil e para o mundo, reconhece e respeita a história de nossa cidade. Os eventos do dia 8 de janeiro são vistos como um capítulo lamentável, mas que, de forma alguma, representam Brasília, o Governo do DF e as pessoas que querem o bem desta cidade, da mesma forma que os eventos do dia 6 de janeiro não representam a cidade de Washington D.C. E a comunidade diplomática entende isso.

O senhor tem visitado várias embaixadas. Qual a principal demanda dos diplomatas que vivem em Brasília?

Brasília é a segunda cidade do mundo em quantidade de representações diplomáticas, só perdemos para Washington D.C. Como já disse, são 133 embaixadas. Mais de 1,5 mil pessoas quando incluímos todos os servidores. Quando o governador Ibaneis Rocha teve a sensibilidade de criar a Serinter, há um ano, uma das diretrizes foi a de, justamente, ouvir essas representações e buscar essas demandas. E assim eu fiz desde que assumi a secretaria. Também estamos focados em fortalecer os laços comerciais do DF com esses países. Para isso, durante as visitas, o assunto esteve em todas as pautas. Hoje, sabemos exatamente o que cada país produz e a necessidade de cada um deles. Temos, inclusive, um plano de negócios focado na África Ocidental em fase de execução, em parceria com a Fecomércio-DF, a CNC e a Apex Brasil. Paralelamente, aproximei o corpo diplomático acreditado à nossa cidade promovendo visitas à Festa do Morango, à Troca da Bandeira, ao carnaval, entre outros eventos. Esta era uma demanda dos embaixadores: a de conhecerem melhor e "viverem" a cidade, saindo do muro das embaixadas.

Acompanhe a cobertura da política local com *@anacampos_cb*

»CB.Saúde / MARCOS ANDRÉ FRASSON, MÉDICO ESPECIALISTA EM DOR

De acordo com o profissional, o problema deixou de ser apenas de pessoas idosas. Atinge cada vez mais jovens. Além disso, segundo ele, o mau uso do celular pelas crianças vai resultar em adultos com dores cervicais

"Estamos com uma epidemia de hérnia de disco"

» LUIS FELLYPE RODRIGUES

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que oito em cada 10 pessoas no mundo têm hérnia de disco. Os tratamentos e as principais causas para desenvolver a condição física foram tema do CB.Saúde *— parceria entre* **Correio** *e TV Brasília, que teve como convidado Marcos André Frasson, médico especializado em dores agudas e crônicas da clínica Acolhedor. Na entrevista à jornalista Carmen Souza, o especialista destacou que esse problema não atinge apenas as pessoas idosas. Os jovens têm buscado tratamento com mais frequência do que no passado.*

Kayo Magalhães/CB/D.A Press

Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja a entrevista

Por que tantas pessoas têm hérnia de disco?

Estamos sofrendo uma epidemia. A hérnia de disco acontece quando temos algum problema nos amortecedores dos ossos da coluna. Quando duas vértebras espremem, de alguma forma, esse amortecedor pode sair e fazer o mesmo com os nervos da coluna. Isso pode acontecer por várias razões. Principalmente para pacientes que não têm um condicionamento físico adequado, que fazem esforços muito grandes, que têm alguma especificidade laboral e, durante o trabalho, pegam muito peso, além daqueles que fazem uma postura errada para pegar peso ou trabalham com algumas posições repetitivas da coluna.

A dor relacionada à hérnia é evidente. Há sinais ou algumas complicações anteriores que podem indicar que os amortecedores estão com problema?

Sim. Nos estudos, geralmente têm sinais de alerta, e existem as bandeiras amarelas e as vermelhas. É claro que a dor é um sinal de alerta. Muitas vezes, o paciente pode apresentar uma hérnia e esse disco romper de alguma forma, ocasionando uma dor muito grande. Muitas vezes, esse desconforto pode não ser presente e a pessoa pode apresentar dormência na perna e no braço ou de algum membro. A perda da força, do controle da urina e das fezes são sinais muito graves. A maioria deles não é tão grave assim.

O governo federal fez um levantamento que mostrou que a hérnia de disco foi a principal causa de afastamento temporário do trabalho. No ano passado, houve um aumento de 68% em relação a 2022. O que está acontecendo?

Fomos feitos para ficar em movimento e, durante a pandemia, a população foi obrigada a ficar em casa. Muitas atividades que faziam o corpo humano ficar saudável não eram praticadas. Isso contribuiu bastante. Tabagismo, além de obesidade, problemas cervicais e as várias horas que passam usando o celular. É interessante ficar alerta em relação às atividades físicas não monitorizadas. Principalmente a camada jovem, que não tem o costume de praticar esportes, e exige muito do corpo, podendo causar esses problemas, caso não tenha um preparo adequado para fazer isso.

Problema na coluna é doença de pessoas mais velhas? Ou tem se democratizado mais?

É um problema bem democrático. Tradicionalmente, é algo para pessoas mais idosas — de 60, 70 e 80 anos são a grande parte dos pacientes que atendo. Mas a quantidade de jovens com essa queixa tem aumentado muito, principalmente jovens com obesidade, sedentarismo e com sintomas psiquiátricos.

Como funcionam os tratamentos?

Antigamente, o paciente era tratado de forma protocolar. Ele se afastava e tomava anti-inflamatório. Com o surgimento da fisioterapia, era feito o afastamento, medicação e fisioterapias até a chegada da cirurgia. Hoje, é feito o tratamento multimodal, usamos várias estratégias ao mesmo tempo, ou seja, não é só medicação. Orientamos fazer fisioterapia. Caso haja queixas psicológicas, encaminhamos para o psicólogo. Se precisar colocar medicação em alguma estrutura que está doente, fazemos. Tudo para que ele melhore mais rápido e essa dor não vire crônica. Esse é o nosso grande desafio, não deixar a dor aguda (de até três meses) virar dor crônica… Hoje, existem medicamentos antidepressivos que não têm nada a ver com depressão, mas ajudam no combate à dor; anticonvulsivantes que não têm ligação com convulsão, mas ajudam no combate ao incômodo.

Criança também tem dor crônica? É uma situação recorrente?

Muito recorrente, não tanto quanto em adultos, mas temos algumas populações de pacientes pediátricos com doenças hematológicas e oncológicas. E vivemos uma epidemia de crianças que estão com problemas crônicos no pescoço por conta do mau uso ou do excesso do celular. Provavelmente, daqui a 20 ou 30 anos, teremos um exército de adultos com dores cervicais, pelo uso de tela na infância.

***Estagiário sob a supervisão de Malcia Afonsow**